

Quatro momentos na vida de Rachel de Queiroz

Autora cearense foi uma pioneira, tanto na vida quanto na literatura

Por
MOACYR
SCLIAR

Nascida em Fortaleza, Ceará, há exatos cem anos (17 de novembro de 1910), Rachel de Queiroz, falecida em 2003, teve uma longa e bem-sucedida carreira literária. Para a qual não lhe faltaram estímulos. Para começar era de família culta, na qual figuravam nomes como os de José de Alencar, parente de sua bisavó. O pai, jurista, encarregou-se pessoalmente da educação da filha, introduzindo-a à leitura. E seu talento jornalístico foi precocemente reconhecido; ainda adolescente já estava escrevendo para jornais. O resultado foi uma obra apreciável, incluindo romances (*Memorial de Maria Moura*, que deu minissérie na Rede Globo, *Três Marias*, *Dôra*, *Doralina*), peças teatrais, traduções (Dostoiévski, Balzac, Faulkner e Conrad). Foi a primeira cronista da imprensa brasileira; aliás, considerava-se “mais jornalista que escritora”.

Em sua trajetória quatro momentos se destacam. O primeiro é representado pelo lançamento de seu primeiro livro, o romance *O Quinze*, publicado em agosto de 1930 quando a jovem Rachel teve de ficar em repouso por causa de uma suspeita de tuberculose, doença então muito temida. A história gira em torno à terrível seca de 1915 e, a princípio, não despertou o interesse de editores, tanto que foi publicado com a ajuda financeira do pai. Mas depois chegou às mãos de críticos e de outros escritores, causando impacto e celeuma, inclusive pela pouca idade da autora e pelo fato de ela ser mulher, o que mexia com preconceitos arraigados em nossa cultura; querendo elogiar o livro o poeta Ascenso Ferreira disse: “É um livro de macho”. E Graciliano Ramos: “Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado”. Augusto Frederico Schmidt levantou a suspeita de que “Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome” já que não havia, em *O Quinze* “nada que lembrasse, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade de nossa literatura feminina”. Esses comentários deixavam Rachel furiosa, mas tinham certo fundamento; à época, e segundo a própria Rachel, “a literatura feminina era feita por senhoras que escreviam histórias comoventes ou poesias apaixonadas”. O certo é que já no ano seguinte Rachel foi contemplada com o prestigioso Prêmio Graça Aranha. Era um reconhecimento a seu

Quando Rachel publicou “O Quinze”, aos 20 anos, Graciliano Ramos comentou: “Deve ser pseudônimo de sujeito barbado”



ANDRÉ CORRÊA, CB PRESS, AP. BD. 27/09/1997

papel inovador; de fato, podemos dizer que *O Quinze* é uma das primeiras obras de ficção regionalista e de engajamento na realidade social do país. O que explica o segundo momento de Rachel de Queiroz. Convivendo com escritores de esquerda, ela se aproximou do Partido Comunista, que estava então em seu auge: a Revolução Russa polarizava as esperanças de mudança social. Rachel esteve entre os fundadores do PC cearense, foi fichada como “agitadora comunista” pela polícia política. E então, a ruptura.

Rachel havia terminado *João Miguel*, seu segundo romance; foi então avisada, pela liderança comunista, que deveria submeter os originais ao julgamento do Partido, já que literatura era vista como instrumento de agitação política e tinha de ser “orientada” para isso. Mas, no romance um operário mata outro, o que o PC considerou uma afronta; operário podia matar um burguês, não um companheiro. Na reunião Rachel fingiu aceitar a crítica; pegou os originais, declarou que não via no partido autoridade para censurar seu trabalho, e fugiu do local “em desabalada carreira”, segundo contou depois. O livro foi publicado pela editora Schmidt, do Rio, e Rachel não voltou ao comunismo. Ao contrário, optou pelo extremo oposto; em 1964, e este é o terceiro momento que nos interessa, conspirou para derrubar João Goulart que pretendia, segundo a escritora e outros, instituir um regime sindicalista. Ofereceu seu apartamento para reuniões dos conspiradores e o primeiro presidente militar, Humberto de Alencar Castello Branco. Graças a sua posição, representou o Brasil na ONU e passou a integrar o Conselho Federal de Cultura. Mas depois deu-se conta das características ditatoriais do regime e retirou seu apoio ao governo autoritário.

O quarto momento ocorre em 1977 quando ela se torna a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Le-

tras (ABL) que até então, e seguindo o modelo da Academia Francesa (fundada em 1635 pelo Cardeal Richelieu) não aceitava mulheres, apesar das tentativas nesse sentido: em 1910, o acadêmico Émile Faguet causou escândalo ao propor a entrada de mulheres na AF. No caso da ABL, dizia o estatuto: “Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito”. O termo “brasileiros” que deveria democraticamente (ainda que com certo preconceito) englobar os dois sexos referia-se, segundo a interpretação corrente, só a homens. Em 1930 Amélia Beviláqua, esposa do famoso jurista Clovis Beviláqua, candidatou-se a uma vaga. O “susto” foi tal que, em 1951, acrescentou-se, à palavra “brasileiros” o aposto “do sexo masculino”. Mas àquela altura o movimento anti-Clube do Bola ganhava força (na verdade, o apoio para tal vinha desde Machado de Assis). Em 1970 Dinah Silveira de Queiroz (1911–1982), primeira escritora a receber da ABL o Prêmio Machado de Assis, candidatou-se, mas não foi eleita – por causa do referido artigo. Em 1976, o acadêmico Osvaldo Orico propôs a supressão da expressão “do sexo masculino”, proposta aprovada, Rachel pode ser eleita. A partir daí o caminho estava aberto; em 1980 Marguerite Yourcenar torna-se a primeira mulher a entrar na Academia Francesa; outras cinco sucederam-se, incluindo Assia Djebar, escritora e feminista argelina, e a ministra Simone Weil, intelectual que passara por um campo de concentração nazista. E depois de Rachel de Queiroz outras cinco mulheres foram eleitas para a ABL: Dinah Silveira de Queiroz, em 1980; Lygia Fagundes Telles, em 1985; Nélida Piñon, em 1989; Zélia Gattai, em 2001, Ana Maria Machado, em 2003.

Quatro momentos numa longa e fértil vida. Quatro momentos que nos dão uma ideia da importância de Rachel de Queiroz na cultura brasileira.

Quem sabe começa a chover?

Por
DANIEL
WELLER
Professor e pesquisador de estratégias de fomento à leitura

Foi uma jovem normalista, seduzida pelo Cavaleiro da Esperança, leitora voraz e repórter do jornal anticlerical *O Ceará*, quem eternizou a seca de 1915 e mostrou que parte da crítica literária brasileira era misógina. O sucesso impactou a vida da futura “primeira dama da literatura brasileira”, mas nunca subiu à cabeça de Rachel de Queiroz (1910 – 2003). Até o final, foi fiel a sua simplicidade de menina da fazenda Não Me Deixes, que escrevia às escondidas à luz do lampião, que preferia cozinhar a escrever e recusou o convite de Jânio Quadros para ser ministra da Educação: “Sou apenas uma jornalista e gostaria de continuar sendo apenas uma jornalista”. Valorizar sua produção literária é mexer em vespeiro no mandacaru.

“Eu acho que da minha boca nunca saiu essa expressão – ‘minha obra’. Eu fiz uns livrinhos, estão aí, tomara que as pessoas continuem gostando, só isso (...) Eu não sou uma romancista nata. Os meus romances é que foram maneiras de eu exercitar meu ofício, o jornalismo (...) De uma maneira geral, eu não tenho prazer ao escrever. Eu escrevo porque viço disso (...) Eu sou uma pessoa muito humilde. Eu não faço grande uso de mim mesma, e, portanto da minha chamada obra”.

A seca em torno da obra de Rachel de Queiroz têm relação com sua peculiar trajetória política e conflituosa relação com os movimentos feministas. A crítica Heloísa Buarque de Hollanda assume que os estudos sobre a autora foram congelados nas universidades, a partir da década de 60, época da constituição dos programas de pós-graduação em Letras e do estabelecimento do “cânone acadêmico”, como retaliação à prima do general Castello Branco. Hoje, prossegue a crítica, menos do que omissão ou rejeição existe é o medo de abrir as caixas pretas da persona Rachel de Queiroz. E abrir as caixas é colocar os preconceitos de lado, sentir a chuva no sertão e se deliciar com os seus textos: sete romances, três infanto-juvenis, duas peças, um livro de memórias (*Tantos Anos*), dezenas de entrevistas e milhares de crônicas, que Rachel plantou na terra considerada seca e rebaixada pelos estudos literários. Só na revista *O Cruzeiro* foram 30 anos, entre 1945 e 1975, quando adquiriu uma incomparável popularidade como cronista, conversando na Última Página com seus leitores.

O Instituto Moreira Salles publicará suas poesias ainda inéditas, em comemoração ao centenário desta matriarca nordestina, que queria ter filhos para canalizar uma “maternidade inesgotável” e se ressentia de não ter sido como as heroínas de sua ficção: “Minhas mulheres são danadas”. Sua obra vem sendo relançada pelas editoras Siciliano, Global e Caramelo.

Talvez por buscar o tempo que rendia, como escreve na crônica *O Homem e o Tempo*, valorizando o céu estrelado da *Sertaneja*, alcançou a paz de *Um Alpendre, uma Rede, um Açude* e uma morte como a sua vida: sem artifícios e com o orgulho de ter a consciência tranquila: *O Homem Nasce Nu*.

“Uma coisa eu posso lhe garantir que estou tranquila: percorra todo o meu trabalho, desde a adolescência, quando comecei a trabalhar em jornal e você nunca encontrará uma só palavra contra a liberdade, contra os direitos humanos, contra a igualdade racial. Quer dizer, minha folha de serviço não é brilhante, mas é limpa.”

(1) Parte da revista foi digitalizada e pode ser acessada em: www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro